



Repórter Planalto: Desbravando a História de Guarapuava ¹

Suellen Gonçalves VIEIRA ²

Ariane Carla Pereira FERNANDES ³

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, PR

Resumo: O documentário enquanto reportagem especial ou grande-reportagem produzida com objetivos estritamente jornalísticos é a conversa principal desse *paper*. Contar uma história a partir de personagens é o dever da grande-reportagem televisiva, que vai além do informar, já que, ao recontar determinada história, adentra nas veredas do jornalismo interpretativo. Assim, entre lendas e problemas sócio-econômicos, apresenta-se aqui uma trajetória de 200 anos: Guarapuava recontada por alunos de jornalismo, a partir daqueles que ajudaram/ajudam a construir essa história.

Palavras-chave: jornalismo interpretativo; grande-reportagem televisiva; história; Guarapuava.

INTRODUÇÃO

Que jornalista de televisão ou que estudante de jornalismo, pelo menos, em algum momento, não teve (tem) como meta participar da produção de um documentário? Afinal, esse formato ou gênero representa, imaginariamente, o ápice da produção audiovisual. Porém, o que se entende por documentário? Questionamento fundamentado na percepção de que o termo “documentário” pode ser lido/tomado/entendido de maneiras diferentes, dependendo dos óculos teóricos e, também, da perspectiva prática que orientam o interlocutor. Por isso, essa reflexão-conversa tem início discutindo o conceito de documentário.

Rabaça e Barbosa, em Dicionário de Comunicação, definem documentário como um filme baseado em situações verídicas. Os autores acrescentam, ainda, que o documentário é o mais antigo dos gêneros cinematográficos.

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Interpretativo – Dossiê, Análise, Cronologia, Perfil, Enquete (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. ano do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: suellengvieira@hotmail.com.

Os demais acadêmicos da turma também participaram da produção do Repórter Planalto, são eles: Ádria Chaves Tavares (adliatavares@gmail.com); José Adolfo Gonçalves Vaz (adolfvaz_1@hotmail.com); Adriana Possan (adrianapossan@yahoo.com.br); Adriele Andréia inácio (adlieleinacio@yahoo.com.br); Maria Carolina Felício Silva (jornalismo_carolina@yahoo.com.br); Crislaine André (crislaineandre@hotmail.com); Daniel Fabro de Almeida (daniel_gremio@hotmail.com); Fernanda Gisele Basso (nandinha_basso@hotmail.com); Francielli Cristina Campiolo (francampiole@hotmail.com); Gabriela Dedio Jacoboski (gabi.jacoboski@gmail.com); Leonardo Altomar (leo933_hs@hotmail.com); Maicon Borgato (maiconborgato@yahoo.com.br); Milena Fernanda Parente de Almeida (milena_parente@hotmail.com); Nanachara Gonçalves (yolanana@hotmail.com); Renata Caleffi (renatacaleffi@yahoo.com.br); Scheyla Joanne Horst (scheylahorst@hotmail.com); Suellen Alessandra Yoshihara Dias (lilasdeoutono@hotmail.com).

³ Jornalista, mestre em Letras, professora efetiva do departamento de Comunicação Social da UNICENTRO, docente da disciplina de Telejornalismo e orientadora da Grande Reportagem Repórter Planalto, email: ariane_carla@uol.com.br.



A origem “cinematográfica” do documentário também é lembrada pelo crítico de televisão do Observatório da Imprensa e professor de Telejornalismo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Antônio Brasil. Ele aponta como exemplos de documentários os programas exibidos em televisões fechadas como BBC, GNT, Discovery Channel e National Geographic. Brasil ainda ressalta que o programa Globo Repórter, da Rede Globo, que começou, na década de 70, ousado, seguindo o estilo documental, na década seguinte iniciou um afastamento desse gênero.

A retomada das afirmações dos autores citados tem como objetivo evidenciar como o termo documentário é “contaminado” pelo gênero cinematográfico. Por isso, recorre-se a outros autores para que se diferencie, linguisticamente, documentário enquanto filme baseado em fatos verídicos e documentário como reportagem especial ou grande-reportagem produzida com objetivos estritamente jornalísticos para ser exibido por um canal de televisão, principalmente os abertos.

Assim, Walter Sampaio afirma que o documentário representa para a televisão o que a grande reportagem representa para o jornal impresso. Já o jornalista Jorge Pontual, diretor do programa telejornalístico Globo Repórter em parte das décadas de 1980 e 1990, faz essa diferenciação (documentário cinematográfico X documentário grande-reportagem) a partir do formato. Ele afirma que, em comum, os dois têm o mesmo objetivo: contar uma história a partir de personagens. Porém, a maneira/o modo como cada um faz isso é diferente.

No formato original de documentário, segundo Pontual, há um texto lido por um narrador e imagens que acompanham esse texto. Esse modelo tradicional de documentário é seguido pelas emissoras européias e mostram, num programa de uma hora, um assunto único. Assunto esse que é contado pela câmera, sem que nenhum membro da equipe apareça no vídeo, é a câmera que descobre, entrevista, vai mostrando tudo. O autor considera esse modelo tradicional ultrapassado e salienta que o formato original exige um público especial, mais qualificado que busca informações mais elaboradas. No Brasil, esse formato pode ser conferido em canais fechados de televisão como BBC, Discovery Channel e National Geographic, além do nacional GNT.

Ainda tratando do documentário “original” ou do “modelo europeu”, vale ressaltar que a primeira tentativa de se fazer documentário na TV brasileira foi o programa Globo Shell Especial. Esse foi seguido pelo Globo Repórter que estreou, em 1973, também, seguindo esse estilo/formato. Apenas dez anos depois do programa estar no ar, é que foi adotado um formato novo que é, basicamente, o que está no ar até hoje. Essa mudança, de acordo com



Pontual, foi tomada como tentativa de reconquistar a audiência do programa que havia diminuído desde o início da exibição. A linha adotada desde a década de 1980, então, segue os programas telejornalísticos exibidos pelos canais de televisão dos Estados Unidos. Nas redes de TV norte-americanas são raros os documentários e predominam os programas semanais com grandes reportagens investigativas. Nesse modelo, ao contrário do europeu, entre a câmera e o telespectador há um intermediário – o repórter. É ele quem investiga, conduz a matéria e interage com o telespectador. Esse formato, segundo Pontual, tem mais ritmo e é mais dinâmico. Mais voltado, assim, para o público de massa de uma rede de TV aberta, comercial.

Mostradas as perspectivas pelo qual o termo documentário pode ser lido, passamos ao termo ROTEIRO. Field responde a pergunta “o que é um roteiro?” dizendo que é uma história – contada em imagens, diálogos e descrições – sobre pessoa ou pessoas, num lugar ou lugares, vivendo sua coisa ou suas coisas. Ele também diz que roteiro diz respeito a filme, mas que também são construídos roteiros para televisão, nos dois casos no sentido de arte dramática. Já segundo Comparato, um roteiro é a forma escrita de qualquer produto audiovisual onde o roteirista trama, narra e descreve.

Os dois autores citados apresentam, em seus livros, dicas, ou melhor, roteiros de como escrever um roteiro para documentário. Ambos afirmam que todo roteiro nasce de uma idéia e que o trabalho de escrever começa com a *story line*, que é o resumo do enredo. A esse trabalho inicial, Field dá o nome de Ato 1 e é nele que são apresentados/desenvolvidos os personagens, mostrado do que a história trata e onde e quando ela se passa. O Ato 1 é seguido do ponto de Virada 1 que é um incidente que vai permitir o início do Ato 2 que é onde o personagem vai viver seu conflito. Entre o Ato 2 e o Ato 3 que é onde a história do roteiro é resolvida, solucionada há o Ponto de Virada 2 que é um segundo incidente que permite essa resolução. Comparato afirma que um roteiro só está pronto para ser filmado quando todas as cenas estão escritas. E, de acordo com o autor, pra isso o roteiro deve conter todos os detalhes da/das cena/cenas. Isto é, angulações de câmera, luz, cenário, diálogos.

Este tipo de roteiro é extremamente eficiente e necessário quando o objetivo é filmar, produzir um filme. Nesse caso, um documentário tradicional, como os europeus. Já na gravação/produção de um documentário telejornalístico, como o modelo americano da grande-reportagem, não é o mais indicado. Isso porque, seguindo Pontual, nesse modelo de roteiro não há espaços para improvisações. O que impediria o trabalho constante de



apuração do repórter que é quem vai contar a história. No caso do documentário como grande-reportagem investigativa, o “roteiro” mais indicado seria uma pauta trazendo uma pré-apuração bem feita do tema que deverá ser abordado, com entrevistas pré-agendadas com personagens que se encaixam nesse tema – ou seja, pessoas que viveram ou vivem o problema a ser mostrado na grande reportagem, entrevistas essas que devem ser agendadas para locais que falem sobre o personagem e tenham a ver com a história a ser contada.

Somente após a produção na rua pelo repórter e pelo repórter cinematográfico é que o primeiro, de volta à redação, vai, com a ajuda do editor, decupar o material bruto (isto é, assistir a todas as sonoras e imagens) e fazer o texto que deve “casar” com as imagens e com as partes principais das sonoras. Num programa de grandes-reportagens, como é o Globo Repórter, segundo Pontual, esse texto final muitas vezes é feito simultaneamente ao trabalho de edição.

OBJETIVO

O modelo de documentário grande-reportagem, e é a esse que nos deteremos a partir daqui, inicia-se, academicamente, com a produção de telejornais laboratórios.

A turma do terceiro ano de Jornalismo da Unicentro, dentro da disciplina de Telejornalismo, produziu, entre os meses de abril e agosto de 2008, dez edições de um telejornal-laboratório, o Terceiro Planalto⁴. A partir da vivência da rotina de uma redação telejornalística e a prática do telejornalismo diário, partiu-se, então, para a produção de uma grande-reportagem televisiva, ou seja, passou-se da prática do jornalismo informativo para o exercício do jornalismo interpretativo.

Dessa maneira, os acadêmicos foram incitados a pensar e desenvolver um projeto editorial e, também, videográfico para a grande-reportagem, onde a meta foi obter a prática em mais um produto da disciplina de telejornalismo. Com a intenção de exercitar os conhecimentos passados em sala de aula, os acadêmicos tiveram como desafio pesquisar toda a história de um município, aquele onde eles residiam atualmente.

JUSTIFICATIVA

As aulas de telejornalismo, como qualquer prática acadêmica, devem levar o estudante de Jornalismo à experimentação. E, assim, o professor deve propor atividades em todos os

⁴ Os telejornais-laboratórios foram exibidos, sempre às sextas-feiras, pelo Telejornal Unicentro. O TJ institucional, produzido pela Coordenadoria de Comunicação Social e exibido pelos canais a cabo de Guarapuava TV Cidade e TV Difusora, abriu espaço para a produção acadêmica como reconhecimento da qualidade do material.

sentidos, inclusive nos de documentário (tradicional e enquanto grande-reportagem). Afinal, cada um deles, as maneiras diferentes de produção e, também, as diferenças estruturais levam a um pensar-fazer diferente e a um aprendizado distinto.

O documentário em seu modelo tradicional propicia o desenvolvimento da criatividade no momento do pensar. Afinal, antes da produção, tudo, cada detalhe – do enquadramento à luz, o cenário, os personagens, os problemas, as resoluções, as falas – deve ser pensado e expressado, detalhadamente, no roteiro. O filmar é colocar em prática o que está descrito no papel. Já o modelo de documentário grande-reportagem leva ao aperfeiçoamento da prática telejornalística através do exercitar o fazer jornalismo interpretativo. Considerando isso, é que a atividade foi proposta.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na realização do trabalho, pode ser confirmada a importância da pauta/produção, e a dos personagens para se contar uma história no jornalismo contemporâneo. Pode-se, também, exercitar o ouvir – afinal, pra conseguir boas declarações dos entrevistados, não se deve ter pressa na gravação das entrevistas –, e o contar – já que haviam mais informações e mais detalhes a ordenar no texto e, também, na edição. A criatividade não se restringiu ao textual, a edição também foi mais trabalhada/elaborada que nas matérias telejornalísticas do dia-a-dia com utilização de efeitos de edição e mais canais de áudio. Lembrando que em grandes-reportagens as trilhas sonoras são essenciais para informar e dar ritmo ao material.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A turma decidiu pelo nome “Repórter Planalto” como maneira de ligar a atividade laboratorial aos telejornais, produzidos anteriormente. A partir dessa definição primeira, passaram a concepção do programa editorial e visualmente.

Além disso, também foi discutido o tema do programa-piloto e, assim, definiu-se a história de Guarapuava como o assunto da primeira grande-reportagem. Na sequência, foi debatido o encaminhamento do tema e como ele poderia ser desmembrado em quatro blocos.

Assim, estabeleceu-se um bloco inicial tratando dos índios que já ocupavam estas terras antes dos desbravadores aqui chegarem; mostrando, ainda, quem eram esses desbravadores; e, por fim, as lendas que remetem a formação da cidade e que se mantêm vivas 200 anos depois.

A chegada dos tropeiros relatada no bloco inicial é o ponto de partida do segundo bloco que



trata dos povos que se estabeleceram ao longo dos anos na cidade, pessoas e culturas diferentes que deram a “cara” que a cidade tem hoje e onde podem ser vistos traços desses povos – ucranianos, japoneses, portugueses, poloneses... até os suábios que aqui chegaram há 50 anos.

E é sobre esses estrangeiros que se estabeleceram no distrito de Entre Rios e formaram cinco colônias onde cultivaram, inicialmente, a cevada e formaram uma das maiores cooperativas do estado – a Agrária – que fala o terceiro bloco.

Para encerrar, a grande-reportagem coloca em cena quem, contemporaneamente, ajuda na “construção” de Guarapuava, ou seja, os estudantes e professores que vieram de outras regiões do Paraná e, também, de outros estados para fazer uma faculdade ou dar aulas aqui.

Para a produção dos quatro blocos, a turma foi dividida em equipes e funções. Após a professora apontar como essa divisão se daria, os próprios acadêmicos definiram quem ocuparia cada função e como as equipes se formariam. Passar a responsabilidade da divisão para a turma é uma maneira de levar a um amadurecimento do grupo.

Assim, a organização dos acadêmicos ficou estabelecida da seguinte maneira: Maria Carolina Silva, chefe de redação; Ádria Tavares, coordenadora de produção; a equipe de número 1 é formada pelas produtoras Adriana Possan e Scheyla Horst, pela repórter Suellen Yoshihara Dias e pela editora Francielli Campiolo; já a equipe 2 tem como produtora a acadêmica Gabriela Jacoboski, como repórter José Adolfo Vaz e como editora Suellen Vieira; formam a equipe 3 Nanashara Gonçalves e Fernanda Basso, produtoras, Leonardo Altomar, repórter, Maicon Borgato e Daniel de Almeida, editores; a equipe 4 tem como produtoras Adriele Inácio e Milena Parente, como repórter Crislaine André e a editora é Renata Caleffi.

Sendo que o editor-chefe é o responsável pela coordenação de todos os trabalhos. Ele é quem cobra para que os prazos de trabalho sejam cumpridos e o programa esteja pronto na data estipulada. Além disso, e principalmente, é ele quem fecha o programa. Isso significa que o editor-chefe é o responsável pelo que vai ao ar. Assim, ele é quem ordena os segmentos da grande-reportagem, quem define/dá a palavra final – ou melhor, o texto final – quanto às cabeças e às passagens de bloco.

Já o coordenador de produção é o responsável por sentar com os produtores dos segmentos para conferir se o encaminhamento dado é o proposto inicialmente, se as mudanças necessárias na rota não adentram na abordagem de outros segmentos, se a equipe do segmento não está indo por um caminho que não se encaixará na rota geral da grande-



reportagem, se os personagens e entrevistados não se repetem nos blocos já que essa repetição não é permitida.

Os produtores são os responsáveis por, a partir da delimitação dos segmentos e seus respectivos enfoques, levantar informações – se na reportagem do dia-a-dia é importante que o repórter vá para a rua munido de informações, na grande-reportagem nem se fala, são as informações que vão nortear o trabalho dele, guiá-lo pelo caminho que deve seguir nas entrevistas, como conduzir a reportagem –; “descobrir” fontes e personagens; marcar com essas pessoas sempre lembrando da importância das imagens e que, por isso, as sonoras da grande-reportagem precisam estar ambientadas em locais condizentes ao que se está falando.

O repórter é o intermediário entre o telespectador e a câmera, ou seja, é ele quem, a partir do texto, conduz o telespectador pelo assunto abordado. Dessa maneira, ele é o responsável pela reportagem em si, por encaminhar as entrevistas, por fazer a decupagem e por fechar o texto.

Já o editor cada segmento da grande-reportagem, ou seja, um texto, sonoras, imagens, define efeitos visuais e a trilha sonora. Entre os editores, também, foi escolhido/definido o apresentador, levando em conta o desempenho na função durante os telejornais laboratórios. Função que foi destinada a estudante Suellen Vieira.

Para finalizar, é importante ressaltar o tempo de produção para a pré-produção (ou seja, o levantamento de informações e agendamento de entrevistas e locações), produção (o trabalho de reportagem) e pós-produção (edição dos segmentos, gravação de cabeças e passagens de bloco e montagem final da grande-reportagem) foi de 10 semanas.

CONSIDERAÇÕES

Mais que perceber as diferenças entre documentário enquanto filme baseado em fatos verídicos e documentário enquanto reportagem especial, portanto, interpretativa; mais que aprender a pauta, a reportagem e a edição (que constituem as três principais fases de uma produção jornalística) com toda a complexidade que nelas são depositadas quando o objetivo é produzir uma grande-reportagem; mais que a técnica, a oportunidade de reconstruir a história em imagens e depoimentos foi uma experiência ímpar, principalmente para “aprendizes” de jornalistas, que, necessariamente, são contadores de histórias do cotidiano.

O Repórter Planalto, em seu curto período de vida, ensinou os acadêmicos a se verem como



profissionais, ao mesmo tempo que os envolveu por completo, até pela riqueza dos personagens da narrativa. Através de pesquisas e conversas, se estabeleceu um elo de ligação entre os alunos e aquilo que eles se propunham a fazer.

Consideramos, portanto, que o objetivo proposto pela disciplina foi cumprido – porque ensinou a técnica enquanto quesitos principais para a produção de uma grande reportagem – e ensinou os estudantes a olharem o mundo com olhos de jornalista, olhos curiosos, que querem buscar mais e mais. Assim, eles puderam se ver como profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Antônio. **Telejornalismo, Internet e guerrilha tecnológica**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro** – o mais completo guia da arte e técnica de escrever para televisão e cinema. Rio de Janeiro: Racco, 2000.

PONTUAL, Jorge. **Reportagem e documentário em “Globo Repórter”**. IN: REZENDE, Sidney; KAPLAN, Sheila. *Jornalismo Eletrônico ao vivo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 2.ed.rev. Rio de Janeiro: Campus, 2001.